

“Campo” e “Cidade”: Perspectivas entre o ficar e sair de jovens da comunidade de Currais II – CE.

André Victor da Silva Oliveira¹

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo analisar a visão de jovens da Comunidade de Currais II – Ceará, sobre o espaço onde vivem, seus anseios e perspectivas para o futuro. Tendo em vista que muitos dos entrevistados não veem o “campo” como um espaço onde possam realizar seus sonhos, busquei – a partir das minhas leituras em diálogo com as respostas de seus interlocutores – desmistificar os conceitos atribuídos para o “campo” e para a “cidade” e como esses termos estão envolvidos, ainda hoje, no processo de decisão do jovem entre o ficar e sair de sua localidade de origem. Por isso o fator principal deste estudo foi buscar uma compreensão dos fatores que influenciam e levam os jovens da comunidade, filhos de familiares da região, a tomarem suas decisões pessoais que, direta ou indiretamente, não estão ligadas ao “campo” e associadas à lógica do trabalho como perspectiva de um futuro melhor.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Campo. Cidade.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir do meu incômodo em relação ao que muitas pessoas pensam sobre o “campo” e principalmente às noções pejorativas que a ele são atribuídas. Com questionamentos e dúvidas iniciais procurei me dedicar a essa temática em busca de respostas acerca deste descontentamento, pois, assim como muitas pessoas, eu também me encontrava diante de um pensamento formulado que não incluía o meio rural como espaço que pudesse estabelecer um futuro promissor. Diante da minha inquietação, resolvi oficializar o meu objeto de estudo: os jovens da comunidade rural de Currais II. E por que jovens? Porque é nessa faixa etária que começa a se estabelecer uma personalidade, conceitos sobre a sociedade, além de ser um período de transição entre a vida adolescente para a adulta, com momentos de grandes escolhas, principalmente de cobranças sobre o seu futuro. E foi partir destes anseios que pude verificar como se configura o processo de decisão dos jovens entrevistados diante do ficar ou sair de sua localidade. Mas a questão central é: o que influencia estes jovens e quais os motivos de tomarem tal decisão?

A categoria “jovem” já é complexa por si só e a sua vinculação ao “campo” a torna ainda bem mais estereotipada, pois no que se refere ao mundo rural, a juventude ainda permanece numa situação de invisibilidade decorrente de uma visão muitas vezes equivocada

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Bacharel em Humanidades e licenciando em História.

que tem dificultado a compreensão da sua complexa inserção num mundo culturalmente globalizado (CARNEIRO, 1998). Vale ressaltar que o termo “juventude rural” muitas vezes é reduzido apenas ao trabalho agrícola e não evidencia o “campo” como um espaço heterogêneo com múltiplas possibilidades e é por isso que há muitos equívocos em relação ao que se pensa sobre esse ambiente.

Seguindo este contexto, a presente discussão buscou analisar as falas de cada entrevistado, pois cada um possui um contexto social diferenciado. Foram essas diferenças de idade, pensamentos, sentimentos e de sonhos que eu quis buscar para esta pesquisa. É por isso que CASTRO (2005) em sua tese procura desmistificar essa categoria:

Permeada de definições genéricas, associada a problemas e expectativas, a categoria tende a ser constantemente substantivada, adjetivada, sem que se busque a auto percepção e formação de identidades daqueles que são definidos como “jovens”. Há muito a ser percorrido neste campo investigativo para nos aproximarmos das muitas juventudes “urbanas” e “rurais”. (CASTRO, 2005:18)

A metodologia para a construção desta análise se deu através de pesquisas bibliográficas de autores que abordaram diretamente com a temática. Também houve o processo de entrevistas em seu caráter qualitativo, que englobou cerca de seis jovens residentes da comunidade estudada e a prática em campo que possibilitou uma análise mais profunda dos objetos do estudo. Busquei analisar os jovens que se distinguiam e por um conhecimento prévio, aqueles que tinham uma realidade social diferenciada, para que houvesse uma variedade de opiniões em diversos contextos. No processo de coleta de dados, os meios que me possibilitaram recolher informações foram as entrevistas semiestruturadas e conversas informais que em sua maioria acabaram se tornando diálogos e debates sobre diversos aspectos que abordam e ajudam a entender o ponto de vista de cada interlocutor. O meu intuito não era que eles trouxessem respostas automáticas para as perguntas, e sim que oferecessem questões, indagações e principalmente expressassem suas opiniões da forma mais natural possível, trazendo assim uma legitimidade diante das falas e uma credibilidade maior para esta pesquisa.

1. “CAMPO” VERSUS “CIDADE”: A CRIAÇÃO DE MITOS A CERCA DA DICOTOMIA.

“Campo” e “cidade”: porque são considerados uma dicotomia? Essa pergunta nos leva a perceber o quanto é grande a complexidade de tal questionamento. Para compreender essa indagação é necessário conhecer o contexto histórico que influenciou o pensar sobre “campo”

e “cidade”. Mitos construídos solidificam essa dicotomia, mas é fundamental entender o processo de “construção” deles ao longo do tempo para que se possa compreender os contextos que lhe são atribuídos.

O que se designa por “campo” e “cidade” tornou-se uma oposição. De um lado temos o “campo”, visto como natural. E de outro a “cidade”, considerada artificial. A tecnologia emancipou o homem da dependência extrema dos fatores naturais. Por isso na “cidade” o sentido de produção aparentemente se mostra de maneira mais expressiva, portanto, a emancipação é maior. No “campo”, as mudanças estão sujeitas à lógica da natureza. E é a partir disso que se limita o sentido do natural para o “campo”, e do não natural ou produzido racionalmente pela lógica humana, para a “cidade”.

Alguns pontos são inquestionáveis a respeito dos atributos das “cidades”: a capacidade de criar e distribuir mercadorias, a rapidez e intensidade das mudanças, e a forma de como tudo é processado nas grandes indústrias, chegando em larga escala para uma grande quantidade de pessoas. E a partir disso, frente a “cidade”, como ficaria o “campo”? A maioria das pessoas diriam: imutável, atrasado e homogêneo. Os mitos da imutabilidade e homogeneidade do “campo” são construídos a partir de fatos aparentes: as cidades estão em constantes mudanças, sendo que se transformam em uma velocidade bem superior, atingindo uma quantidade muito maior de pessoas e a heterogeneidade é algo de ampla visibilidade, já que pessoas de várias regiões de culturas e costumes se encontram nas metrópoles em busca de oportunidades e melhoria de vida. Mas seriam a mudança e a heterogeneidade características apenas das cidades?

A existência de diferentes civilizações rurais com costumes, instrumentos e cultura diferenciada é a prova dessa heterogeneidade. WILLIAMS (1988) ressalta essa heterogeneidade do “campo” (referindo-se à Inglaterra da segunda metade do século XX como foco de sua reflexão) quando escreve sobre a realidade histórica afirmando que “é surpreendentemente variada” (WILLIAMS, 1988:11). Para o autor, a vida campestre “engloba as mais diversas práticas – de caçadores, pastores, fazendeiros e empresários agroindustriais” (WILLIAMS, 1988:11) e a organização varia “da tribo ao feudo, do camponês e pequeno arrendatário à comuna rural, dos latifúndios e plantations às grandes empresas agroindustriais capitalistas e fazendas estatais.” (WILLIAMS, 1988:11).

Segundo WILLIAMS (1988) o contraste retórico se cristalizou com Roma, momento em que a “cidade” ganha o status de organismo independente e mostrou-se o oposto do “campo”. “Essa vida fervilhante, de lisonja e suborno, de sedução organizada, de barulho e tráfego, com ruas perigosas por causa dos ladrões, com casas frágeis e amontoadas, sempre

ameaçadas de incêndio, é a cidade como algo autônomo, seguindo seu próprio caminho” (WILLIAMS, 1988:70). Então a lógica da “cidade” foi comparada com a do “campo”, e se tornando o seu oposto. E é por isso, que o “campo” foi associado como lugar do passado e do atraso, como um refúgio da “cidade”, e esses mitos tinham suas bases fundadas numa realidade aparente: a relação com o feudalismo.

Devemos observar que a ideia que se tem tanto de “cidade” quanto de “campo”, está associada com o tempo e o contexto em que é produzida. Em determinados séculos vemos a “cidade” associada à riqueza, enquanto que em outros ela é associada à marginalidade, caos e insegurança, sendo que em outros tempos, era associada à ideia de evolução, desenvolvimento tecnológico e progresso. A complexidade e graus de intensidade que as relações campo-cidade e rural-urbano assumiram ao longo da história, em contextos espaciais diferenciados, levaram a formulação de abordagens variadas, já que em cada período histórico, lugares e sociedades diferentes, se consolidou distintos modos de integração entre esses espaços. Pois o “rural e urbano denotam processos e sua identificação perpassa a compreensão de que são, também, fenômenos.” (WHITACKER, 2010: 90).

Por isso para desconstruir os mitos, é fundamental não se limitar apenas a uma dicotomia construída, mas sim ao processo como um todo, acerca de como tais concepções foram sendo construídas, pois as relações entre “campo” e “cidade” possuem uma ampla variedade de fatores que devem ser pensadas em termos de estrutura, forma, conteúdo e sua função regional, além do período histórico em que é formulado tais conceitos e suas possíveis interpretações.

2. O PROCESSO DA DICOTOMIA “CAMPO” E “CIDADE” NO BRASIL.

De acordo com (PEGORETTI e SANCHES, 2013) em suas pesquisas sobre a dicotomia rural x urbano e segregação sócio-espacial, até 1950, o Brasil era um país essencialmente rural, com aproximadamente 65% de sua população vivendo no campo. Já em 1960 esse percentual caiu para 55% e na década de 70 o país já possuía a maior parte de sua população vivendo nas áreas urbanas. O incremento da população urbana no país foi consequência basicamente de três fatores: do próprio crescimento vegetativo das áreas urbanas, da migração com destino urbano, principalmente a migração do campo em direção à cidade e da expansão do perímetro urbano de muitas localidades antes consideradas rurais (BAENINGER, 2003). O processo de migração no Brasil foi se intensificando cada vez mais, acarretando uma mudança significativa no meio rural, que era predominante em décadas atrás

(até 1950), fazendo com que exaltasse a ideia de que a vida urbana seria a ideal e propicia ao progresso:

Surgiram a partir da década de 1980, mudanças significativas no meio rural brasileiro. Observa-se a emergência de um espaço rural multifuncional com a introdução de uma maior diversificação econômica, em meio a novas formas de produção e subsistência, em visível contraste com o que dominava no passado. A expansão do tecido urbano sobre as áreas rurais e o crescimento do número de pessoas ocupadas em atividades consideradas, até então como exclusivamente urbanas, indicam a existência de um novo paradigma sócio espacial no Brasil. (JACINTO, J. M.; MENDES, C. M.; PEREHOUSKEI, N. A. 2012:178)

O movimento migratório de moradores do “campo” para a “cidade” no Brasil foi provocado, além outros fatores, mas principalmente pelo processo de mecanização da agricultura, formação de latifúndios e por novas oportunidades de emprego. Sendo assim, o processo de crescimento dinâmico das cidades que se intensificou ao fim da Segunda Guerra Mundial no Brasil, considerou-as como um espaço propício de vida coletiva e também território de produção industrial moderna, concentrando as condições de produção exigidas pelo processo cooperativo da indústria, que necessitaria de mão de obra, proporcionando a ida de muitas pessoas do “campo” ao mercado de trabalho na “cidade”.

O “campo”, por sua vez, privilegiado pela produção agrária, perdeu seu caráter de potência após a sua subordinação à “cidade” industrial. Por isso “esta subordinação do campo à cidade significou e abrangeu não apenas o âmbito da produção e da realização do produto, mas também sua dependência face às crescentes demandas no campo por produtos, tecnologias e serviços ofertados pela cidade.” (MONTE-MÓR, 2004:5).

De tempos para cá, exemplificando, do pós-guerra até hoje, as inúmeras mudanças e transformações que ocorreram no mundo instigam a repensar os significados de rural e urbano no Brasil, não apenas como conceitos ou termos, como vêm sendo historicamente utilizados, mas pela complexidade em que se colocam nessa inseparável rede de misturas: comportamentais, mercantis, tecnológicas e informacionais. Torna-se cada vez mais difícil, contudo, delimitar, definir, compreender e refletir sobre as atuais áreas ditas rurais e urbanas brasileiras, pois em meio a um processo dicotômico evidente, as transformações territoriais, sociais, políticas e econômicas do mundo atual, faz com que a relação “campo” e “cidade”, rural e urbano precisem ser redimensionadas, já que o espaço e a sociedade se recriam, tendo novas pretensões, formas, funções em meio as delimitações territoriais e sociais.

O crescimento populacional das cidades no Brasil é muito grande e as causas que influenciam as pessoas a quererem ir para o meio urbano é principalmente causado pelo

impacto histórico e comparativo entre o “campo” x “cidade”. Mas primeiramente é importante que se entenda a problemática acerca da questão já mencionada, pois devemos considerar os impactos dessa construção dicotômica ao longo da história como a base principal para o nosso entendimento hoje, diante disso, essa concepção superficial que muitos possuem diante de tal complexidade, é resultado das várias definições equivocadas a respeito das representações do “campo” ou da “cidade” e suas contribuições ao longo do tempo.

3.FICAR OU SAIR DO “CAMPO”? UM DILEMA PARA OS JOVENS DA COMUNIDADE DE CURRAIS II.

3.1. Comunidade de Currais II: caracterização da localidade.

Currais II é uma comunidade rural da cidade de Redenção (CE) localizada a uma distância aproximadamente de 17,5 quilômetros do centro do município e é próxima ao distrito de Antônio Diogo a uma distância de 6 quilômetros. A estrutura para o acesso do local não se encontra adequada, sem estradas ou ruas asfaltadas, com vias de acesso em condições não favoráveis, e não possui uma linha de transporte, além de apresentar dificuldades na comunicação telefônica. A comunidade é formada por aproximadamente 200 famílias de acordo com a Secretaria de Saúde do município de Redenção. A paisagem se dá por meio de árvores por toda parte, plantações em tempos de safra e casas não tão próximas umas das outras. (Todos os dados foram colhidos no ano de 2017).



Imagem 1: Visão via satélite da comunidade de Currais II – Ceará.

Como demonstração do espaço geográfico, a imagem apresentada mostra a delimitação da comunidade e uma visão panorâmica a respeito do local onde os jovens

entrevistados a seguir sempre residiram. Nota-se o afastamento de Currais II em relação a outras comunidades e uma grande variedade de propriedades rurais, que se dedicam ao cultivo de alimentos, criação de animais e principalmente usadas na safra do cajú.

A localidade de Currais II possui uma escola, mas que não é utilizada², e para estudar, os alunos têm que se locomover para as comunidades vizinhas. Existem duas igrejas, uma católica e outra evangélica, sendo estas as religiões predominantes no local. Na questão econômica, prevalece a agricultura como maior fonte de renda e sustento para a comunidade, com atividades de colheita de feijão e milho, safra do cajú e venda de castanha. A prática de comércio também é utilizada a partir de pequenos estabelecimentos de vendas como: bodegas³, mercearias e bares. Além disso, atividades autônomas voltadas a confecção de objetos para uso pessoal, vendas de cosméticos e de roupas também são bastantes evidentes, sendo este um dos principais meios para aumentar a renda no fim do mês.

A chuva acaba sendo o fator essencial para a economia de Currais II. Se não chove, a plantação e a colheita não vigoram, prejudicando assim os agricultores que ficarão sem trabalho, donos de terra que produzirá um mínimo de alimentos como: caju, feijão, milho, batata e mandioca para o consumo próprio das famílias, além de outros fatores que atingem diretamente na qualidade de vida do morador da comunidade. Currais II é uma localidade relativamente pequena, mas que enfrenta muitos problemas, não só pela falta de infraestrutura, mas também na questão de oportunidades de emprego, locomoção e abastecimento de água, sendo este último o problema mais grave, porque se no tempo das chuvas⁴ as cisternas ou tambores não armazenem água suficiente, provavelmente os moradores ficarão sem abastecimento durante o verão. Em tempos de falta de água, ocasionalmente aparecem carros pipas para distribuí-la gratuitamente em tanques para o consumo de todos, mas a água não é potável, dando apenas a possibilidade de ser usada para banho, lavagem de roupas e etc., mas não é só isso que prevalece na comunidade, ela é composta por pessoas em diversas condições sociais, mas que em sua maioria mostram solidariedade a quem necessita e isso faz com que, apesar de tudo, prevaleça um clima harmonioso e tranquilo. Então, é a partir desta breve descrição podemos idealizar um panorama do que é possível encontrar na comunidade de Currais II, verificar em que meio os jovens analisados a seguir estão inseridos, e dessa maneira levantar questionamentos, opiniões

²No ano de 2017 e no período até a conclusão deste trabalho (13/07/2017), a escola Dr. Brunilo Jacó de Castro e Silva da Comunidade de Currais II é utilizada apenas para projetos educacionais do Governo, como por exemplo: O Mais Educação do Governo Federal.

³Pequenos estabelecimentos de vendas que em sua maioria vendem bebidas alcoólicas e uma variedade de produtos importantes para o dia-a-dia. Se torna uma opção mais acessível quando não se pode ir a um supermercado.

⁴De acordo com os moradores e agricultores de Currais II, as chuvas mais significativas iniciam-se em dezembro de cada ano e vão até fevereiro, mas se “o inverno for bom” pode estender-se até junho ou julho, mas com uma menor intensidade.

e críticas acerca dos entrevistados diante do espaço onde vivem, ou seja, dentro de um contexto social.

3.2. Os jovens de Currais II (CE) e a sua relação com a comunidade.

As discussões que giram em torno do termo juventude remetem a uma série de definições divergentes. Culturalmente determinada, a demarcação desta etapa da vida é sempre imprecisa, sendo referida ao fim dos estudos, ao início da vida profissional, à saída da casa paterna ou à constituição de uma nova família ou, ainda, simplesmente a uma faixa etária (CARNEIRO, 1998). Conforme OLIVEIRA (2006) define-se juventude a partir de cinco abordagens: faixa etária, ciclo de vida, geração, cultura ou modo de vida e representação social. Para esta pesquisa, estes aspectos se tornam imprescindíveis, uma vez que estas relações estão diretamente relacionadas ao que se propõe o estudo.

PAULO (2011) também considera que não se pode definir o jovem apenas de forma objetiva, mas sim dentro de um conjunto das subjetividades e que há a necessidade de entender esse segmento por meio da concepção de uma construção sociocultural ligada a um processo histórico. Com isso, a autora enfatiza a necessidade de entender o meio rural como um espaço de vida e as relações que os jovens vivenciam, uma vez que, somente por meio do conjunto dessas relações, com a família e com o mundo, e junto com a percepção que o próprio jovem tem dele mesmo, será possível entender as identidades desses atores sociais.

Diante dos demais aspectos apresentados nos parágrafos acima, as práticas e representações sociais dos jovens inseridos no meio rural e a sua relação entre “campo” e “cidade”, bem como seus projetos de vida, fez com que os jovens da comunidade de Currais II passassem a ser o meu objeto de investigação, buscando analisar os diversos contextos e situações que influenciam de alguma forma suas decisões e metas para o futuro. De fato, para analisar as diversas situações vividas pelos jovens torna-se necessário uma análise profunda e detalhada para uma melhor compreensão de questões relacionadas à cultura, às relações sociais, ao trabalho e a outras dimensões que reforçam a heterogeneidade vivida socialmente pelos mesmos. CARNEIRO (1998) em seu trabalho observa que:

O que nos interessa aqui é justamente perceber como essa categoria, "irredutível a uma definição estável e concreta" (Levi & Schmitt, 1996), é afetada pelas mudanças e crises recentes do mundo rural e como essa realidade é reelaborada na formulação dos projetos individuais e familiares em contextos sociais e econômicos distintos. (CARNEIRO, 1998).

As entrevistas em torno dessa temática ocorreram no ano de 2017. No total foram seis entrevistados com a faixa etária de 16 a 21 anos, todos residentes da comunidade de Currais II e de famílias que sempre residiram na localidade. Cada um deles concedeu duas entrevistas/conversas sobre suas perspectivas de “campo” e “cidade”, a sua relação com a comunidade e sonhos individuais, mas que também inclui uma preocupação com o coletivo familiar. As entrevistas consistiram em três etapas. 1) Identificação do entrevistado e trajetória pessoal, 2) Percepções sobre a comunidade e 3) Percepções sobre projetos futuros.

As entrevistas concedidas mostraram a visão dos próprios jovens sobre Currais II, onde eles ressaltaram suas visões e críticas, tendo uma ideia de “invisibilidade” sempre presente em relação ao trabalho no “campo” e da própria comunidade em si, fazendo com que esses fatores sejam cruciais para as suas decisões futuras. A jovem entrevistada Nayra Hevily⁵, estudante do ensino médio e que possui 16 anos destaca seu ponto de vista sobre a comunidade:

“É uma localidade que falta muito para se desenvolver, porque eu acho que a comunidade é muito “esquecida”, porque falta mais olhares para que ela possa se desenvolver e se inteirar mais com Redenção (centro) e eu acho que falta muita estrutura ainda, falta também a questão dos gestores terem um olhar diferente, não só para cá, mas também para as outras comunidades vizinhas que também precisam dessa atenção. (...)”

Outra entrevistada, Erika Maria⁶, que faz faculdade de Administração e que possui 20 anos responde:

“A comunidade é calma, não tem variedades de emprego, muitas vezes a gente tem que sair para a cidade, até para comprar algo ou vender também, devido os moradores daqui serem poucos. A saúde também é algo difícil, pois não tem hospital, só postos de saúde que muitas vezes não tem materiais de procedimentos, medicamentos ou consultas disponíveis para a comunidade e por isso que para você ter algum atendimento médico, tem que ir até a cidade.”

Diante da indagação, todos os entrevistados puderam expressar o seu ponto de vista sobre a comunidade no sentido de “faltas”. Reforçando a visão de alguns, Lucivânia Rodrigues⁷, estudante de Pedagogia e que possui 21 anos ressalta: “É uma comunidade muito boa, calma, que tem pessoas que ajudam umas às outras e por isso se torna um lugar bom de se viver. O ponto mais crucial é a dificuldade de água”.

⁵Entrevista concedida no dia 21 de abril de 2017, por Nayra Hevily de Oliveira Silva.

⁶Entrevista concedida no dia 22 de abril de 2017 por Erika Maria da Silva Pinheiro.

⁷Entrevista concedida no dia 25 de abril de 2017 por Lucivânia Rodrigues de Sousa Lima.

De forma semelhante ao que constatou CASTRO (2005) em seu estudo, é possível notar que a juventude rural se encontra diante de muitos desafios e incertezas “entre ficar e sair” do “campo”. As dificuldades relatadas nas entrevistas dos jovens de Currais II são a de permanecer na agricultura, pois existem os limites impostos pela escassez da terra e pouca valorização do agricultor juntando com falta de investimento na produção agrícola e a ausência de empregos em outras áreas como na educação, saúde ou atividade autônoma.

E quando perguntado sobre o que mais o incentiva a permanecer na comunidade o jovem Sérgio Henrique⁸, agricultor de 21 anos responde: “O que me incentiva a ficar na comunidade é apenas a minha família”. E quando questionado sobre o que mais lhe atrai na “cidade”, fazendo com que ele lá vivesse toda a sua vida, responde: “O que mais me atrai na cidade é a oportunidade de emprego fixo, possibilitando a partir disso uma estabilidade financeira maior para a minha vida”. E nessa mesma lógica foi perguntado a Maria Raquel⁹, manicure de 21 anos e ela responde:

“O que me incentiva a permanecer na comunidade é a minha família e a comodidade que eu tenho por aqui. Pois eu trabalho como manicure e é bem mais fácil você receber seu dinheiro, pois eu trabalho na hora que eu quero. O que me atrai na cidade são as oportunidades, creio que o mercado lá é bem mais variado e você sabendo investir, você pode ganhar muito dinheiro. [...] e o que me incentiva a sair da comunidade é a falta de oportunidade para aumentar o meu negócio.”

Continuando na mesma sequência das perguntas Erika Maria, define bem seus objetivos e ressalta os motivos de ficar e os de sair da comunidade:

“O que me incentiva a permanecer aqui em Currais II, é a minha iniciativa de montar o meu próprio negócio, fazendo com que eu possa ajudar de alguma maneira a minha comunidade. O que mais me atrai na cidade é a facilidade de emprego e lá as coisas são mais acessíveis em questão de hospitais, saúde e porque muitas coisas nós só conseguimos resolver na cidade. (...) O que mais me incentiva a sair é a falta de oportunidade para o jovem, principalmente na área que eu estudo que é a de administração. E também porque geralmente aqui no interior para você montar um negócio, você tem que diversificar muito, porque não é toda empresa que abre aqui e ela permanece. Já lá na cidade é mais diferente, pois tem mais público, pessoas diferentes e oportunidades para construir um negócio que lucre mais”.

A partir das entrevistas o que pude perceber é que um dos principais motivos de alguns jovens de Currais II quererem sair da comunidade é o fator “oportunidades” que logo vem ligado a “formação” e também “futuro”. Esses fatores destacados são comuns em seus discursos, pois há uma preocupação não só deles, mas da família em querer conquistar tais objetivos. Quando perguntada sobre quais eram as oportunidades de trabalho que Currais II oferecia, Nayra

⁸Entrevista concedida no dia 1 de maio de 2017 por Sérgio Henrique da Silva Pinheiro.

⁹Entrevista concedida no dia 25 de abril de 2017 por Maria Raquel Pereira da Silva.

Hevily respondeu:

“A agricultura e o cultivo de alimentos são uma das principais oportunidades de trabalho, mas também tem a opção de as pessoas abrirem o seu próprio negócio, como por exemplo meu pai que abriu um bar. Mas mesmo assim é difícil manter porque é uma comunidade afastada e para poder trazer recursos também é difícil, fazendo com que a pessoa não lucre muito, ganhando apenas o suficiente para manter o negócio. E eu acho que essas oportunidades não caberiam a mim, porque não é algo que eu quero e não favorece os meus objetivos”.

E nesse mesmo contexto responde Marcos Daniel¹⁰: “Aqui em Currais II não tem muitas oportunidades de trabalho, só a roça e a agricultura. Eu aproveito essas oportunidades na agricultura enquanto eu não arrumo outro emprego, mas não é algo que eu me vejo trabalhando futuramente”.

É notório que na fala dos entrevistados, Currais II tem sim oportunidades de trabalho, mas não é o que eles almejam, pois aproveitam alguns trabalhos querendo apenas que seja algo provisório, pois acham que essas oportunidades oferecidas pela comunidade não se encaixam em suas metas para o futuro, já que estão inseridos em uma realidade que é notada as dificuldades em permanecer na agricultura, além de outros tipos de trabalho, e que buscam desviar desse tipo de “problema”, tendo como exemplo disso a experiências de vida de seus próprios familiares. Diante do exposto, reafirma-se, por um lado, há necessidade de uma análise focalizada e aproximada das dinâmicas dos jovens na questão de quererem sair ou permanecer na comunidade, uma vez que são processos que levam em conta várias particularidades dos atores envolvidos, pois como CARNEIRO (1998) designa, existe entre os jovens uma formulação de projetos individuais que influenciam suas escolhas, que se traduz na realização de uma carreira profissional e principalmente na busca de uma autonomia maior.

3.3. Perspectivas para o futuro.

Dentro da temática do meu estudo percebem-se nas entrevistas três abordagens acerca da participação dos jovens da comunidade de Currais II nos processos de atuação, perspectivas e sonhos. A primeira refere-se aos “projetos individuais” (CARNEIRO, 1998) que são projetos profissionais e sonhos da vida, que estabelecem uma discussão entre os interesses do jovem e do grupo familiar. A segunda trata-se dos processos envolvidos na busca dos jovens por acesso a um mundo de oportunidades, relativizando a noção de que o fenômeno migratório se relacione apenas a uma questão “monetizada”, de acesso à renda. Por fim a terceira abordagem trata-se das questões acerca da pluriatividade de pensamentos e metas como mecanismo de perspectivas para um futuro, buscando uma realidade bem diferente da que seus pais tiveram.

¹⁰Entrevista concedida no dia 25 de abril de 2017 por Marcos Daniel Pereira da Silva
Fortaleza, v. 11, n. 22 - Julho/dezembro de 2020

De acordo com os entrevistados é notada a dificuldade que estes jovens encontram no acesso à terra (agricultura), pois há um desestímulo para a continuidade da vida no “campo”, pois existe uma ansiedade em busca da independência financeira através do trabalho o que, na maioria dos casos, não acontece quando eles trabalham em conjunto com seus pais em suas propriedades. Como a agricultura é a principal fonte de renda da comunidade de Currais II, existem vários fatores que acrescentam a dificuldade de muitos jovens em continuar em sua terra, pois no âmbito agrícola existe uma falta de conhecimento técnico, desconhecimento de projetos voltados para a agricultura e outras áreas, além de que todo conhecimento agrário advém do que é repassado pelos pais. O conteúdo da escola, em geral, é direcionado apenas para a realidade urbana, além disso, falta assistência técnica para orientação dos mesmos, falta de crédito para iniciarem alguma atividade, entre outros fatores que interferem fortemente no interesse em permanecer no “campo”.

Apesar do peso dos fatores estruturais, as decisões sobre a migração são tomadas por indivíduos, que variam na avaliação de fatores de atração ou de expulsão. Ademais, na decisão de migrar, provavelmente os fatores de expulsão são anteriores aos de atração, na medida em que os indivíduos fazem um balanço entre a situação vivida e a expectativa sobre a nova situação. Dependendo de como se examina a questão, os estudos sobre a migração de jovens focalizam ora os atrativos no novo ambiente ora os aspectos vistos como negativos no local de origem. Entre os ‘ruralistas’ predominam as análises que apontam antes os fatores de expulsão do que os de atração, como causas da migração. (BRUMER, 2007:3).

Os fatores que levam o jovem de Currais II a ficar ou sair da comunidade são muitos, mas um dos principais motivos que eles levam em consideração é a opinião da família, pois é a partir do contexto familiar que muitas vezes eles evidenciam a necessidade de saírem ou não. E seguindo essa ideia foi feita a seguinte pergunta: “Há algum incentivo de seus pais para você ficar ou sair da comunidade? Qual é o sonho dos seus pais para você?”. E nessa ordem de perguntas Erika Maria responde:

“Eu tenho mais incentivo dos meus pais para ficar na comunidade. Mas na verdade como aqui é difícil de conseguir um emprego, querendo ou não se eu fosse trabalhar na minha área que é administração, aqui não tem muita oportunidade para essas coisas, então eu teria que sair, mas se fosse da preferência do meus pais, eles queriam que eu trabalhasse aqui, pois eu ficaria perto deles. O sonho dos meus pais com certeza é que eu estude muito, consiga um emprego, seja independente e viva bem.”

Seguindo a mesma sequência Sérgio Henrique¹¹ ressalta: “Os meus pais me incentivam a sair, porque aqui não tem empresas e não tem muitas oportunidades de trabalho como tem na cidade. O sonho dos meus pais é que eu consiga um emprego que eu possa viver fixamente as minhas custas”. Lucivânia Rodrigues¹² também relata: “Os meus pais me

¹¹Entrevista concedida no dia 15 de maio de 2017 por Sérgio Henrique da Silva Pinheiro.

¹²Entrevista concedida no dia 20 de maio de 2017 por Lucivânia Rodrigues de Sousa.

incentivam a sair da comunidade para procurar emprego na cidade e melhorar de vida. Eles desejam que eu me forme, tenha um bom emprego e construa uma família”.

Na indagação “entre o ficar e sair” (CASTRO, 2005), pode-se compreender a relação de vários aspectos na formulação das decisões dos jovens. Então outro fator de grande destaque é o “sonho”, onde cada entrevistado relata o que mais almeja para a sua vida e que muitas vezes para se realizar, esse processo não inclui o espaço onde vivem, pois muitas vezes a comunidade não possui o que é preciso para concretizar esse “sonho”.

Observa-se um aumento significativo de jovens que se preparam para o vestibular. As carreiras escolhidas apontam para uma certa incompatibilidade com a intenção de continuar vivendo na localidade. (...) Apesar da intenção declarada por alguns jovens de residirem na localidade de origem, são poucos os jovens que efetivamente retornaram após terem cursado a faculdade, mas, por outro lado, já é comum a expressão do desejo de que a emigração represente apenas uma fase do aprendizado supondo o retorno após a obtenção da especialização profissional. (CARNEIRO, 1998).

Cada entrevistado quando perguntado sobre seu “sonho” responde algo referente à profissão, onde cada um se mostrou interessado em uma área para uma atuação futura, como, por exemplo, no âmbito da: Psicologia, Administração, Educação Física, Direito e no ramo empresarial. Quando foi perguntada sobre seu sonho e em seguida se era possível realizá-lo no espaço/comunidade onde vive, Maria Raquel¹³ responde com toda clareza:

“Meu sonho é montar um salão para as minhas clientes e também montar uma empresa de aniversário. É possível realizar esse meu objetivo na comunidade sim, mas com muita dificuldade, porque aqui a quantidade de clientes é pouca e não tem um espaço adequado para a construção desse meu sonho. Por isso que às vezes eu acho que se eu me mudasse para a cidade eu teria um lucro maior.”

Mostrando seu ponto de vista, Sérgio Henrique também relata seus desejos e as alternativas para que se possa realizá-los: “Meu sonho é se formar e conseguir um bom emprego. Aqui na comunidade não tem como eu levar adiante meu sonho, porque existe muita dificuldade de conseguir um emprego principalmente na área que eu quero futuramente atuar que é na parte da Educação Física”. A jovem entrevistada Erika Maria¹⁴, reforça o seu ponto de vista destacando vários aspectos para o seu futuro

¹³Entrevista concedida no dia 21 de maio de 2017 por Maria Raquel Pereira da Silva.

¹⁴Entrevista concedida no dia 14 de maio de 2017 por Erika Maria da Silva Pinheiro.

“No momento o meu sonho é terminar minha faculdade de administração e mais no futuro construir o meu próprio negócio, que eu ainda não sei o que vai ser, pois, ainda vou estudar o mercado, mas quero ver logo essa possibilidade. Eu acho que é possível sim realizar meu sonho aqui na comunidade, pois se eu estudar bem o espaço, o mercado e fazer algo diferente aqui na comunidade, provavelmente meu negócio dará certo.”

Conectando com as respostas dos entrevistados deste trabalho, CARNEIRO (1998) desenvolve uma tese que mostra uma dualidade em relação às escolhas dos jovens em permanecer ou sair do seu local de origem:

A migração, temporária ou definitiva, para a cidade expõe os jovens ao contato com um sistema variado de valores que são absorvidos, ou rejeitados, atuando tanto no sentido de reforçar os laços identitários com a cultura original quanto no sentido de negá-los. Essa mobilidade simbólica, que permite sentir-se pertencente a uma e a outra cultura, supõe uma margem de negociação entre níveis distintos da realidade [...] associados às relações afetivas com a família e um projeto individualizado que pressupõe uma autonomia face às redes familiares e uma relação impessoal com o mercado de trabalho e outros setores da sociedade. Poderíamos sugerir que dessa relação ambígua com os dois mundos resultaria a elaboração de um novo sistema cultural e de novas identidades sociais que merecem ser objeto de investigações futuras. (CARNEIRO, 1998).

Entende-se a importância de se debater acerca do que se pensa sobre o mundo rural, tendo como objetivo elaborar estratégias para não reproduzir conceitos hegemônicos, tanto no âmbito social, econômico e físico do “campo”. É necessário que haja uma percepção maior sobre a importância do “campo”, até mesmo pelos próprios jovens de Currais II, para que eles juntamente com as gerações futuras da comunidade, compreendam o quanto os trabalhos ligados ao “campo” simbolicamente depreciativos são tão importantes quanto qualquer outra profissão. Por isso torna-se relevante entender as motivações juvenis e sua relação com as instituições presentes no meio rural, para que possa abrir um panorama diante dos “valores” atribuídos para o “campo” e para a “cidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como questão norteadora o estudo de uma “juventude rural”, termo este descrito pelas autoras CASTRO (2005) e CARNEIRO (1998) em seus trabalhos relacionados com a problemática “campo” e “cidade” em diálogo com os anseios e perspectivas dos jovens entrevistados. Foi ao longo da construção destes resultados que obtive uma reflexão sobre vários aspectos relacionados ao pensar sobre o “campo” e da “cidade”. Foi a partir disso que pude perceber que essas categorias foram criadas de acordo com aspectos, características e conceitos diferentes atribuídos ao longo da história, categorias estas que se modificam mediante realidades e contextos distintos, que também se

alteram de acordo com o período em que foram produzidas. Por isso que não há um conceito hegemônico sobre “campo” ou “cidade”. O que se mostra mais provável é a criação de mitos acerca de como se pode definir esses termos em cada realidade, sendo que ao longo do tempo as associações para estas categorias se mostraram opostas: opunham-se no sentido de que as virtudes exaltadas de um se fortaleciam sobre as deficiências e carências do outro. Assim, as qualidades e afirmações do “campo” e da “cidade” acabaram se tornando distintas e praticamente imutáveis em vários contextos.

A comunidade de Currais II é o local onde estão inseridos os jovens da pesquisa. Conhecida como “rural”, à localidade são atribuídas características tanto negativas como também positivas, de acordo com os entrevistados. Mas o que prevalece em seus discursos são questões ligadas às perspectivas para o futuro em conexão com a ótica do trabalho, sendo esse um dos fatores primordiais em suas escolhas de permanecerem ou não na comunidade. Mas a questão não está no fato de quererem sair ou ficar, mas sim nos motivos que os levam a tomarem tal decisão. Sendo estas circunstâncias oriundas de um pensamento que atribui características atrasadas para o “campo” e modernas para a “cidade”, essa hierarquização é fator que muitas vezes influencia os jovens a não optarem por atividades exercidas no meio rural, pois tais atividades são, em sua maioria, associadas a práticas agrícolas. E em Currais II, local onde se situa o objeto do estudo, essa condição de desvalorização é perceptível nas falas dos entrevistados.

O motivo dessa pesquisa, e que sempre foi um incômodo para mim, é tentar entender o que leva muitas pessoas a desmerecerem atividades exercidas no meio rural e exaltarem em grande parte a vida no meio urbano. Correlato a esse pensamento é a percepção de que o “campo” é local de ignorância e a “cidade” de sabedoria, ponto de vista bem perceptível na fala dos jovens entrevistados. E é esse tipo de discurso que mais me impulsiona a querer investigar o porque eles são produzidos e muitas vezes propagados como verdade absoluta.

Em suma, as pesquisas são referentes a um local, período e pessoas de um determinado tempo (2017) e que futuramente mostrarão como era o pensamento de alguns jovens de uma determinada comunidade de nome Currais II, acerca de suas interpretações sobre o “campo” e a “cidade” e como essas categorias influenciavam diretamente em suas perspectivas para o futuro.

REFERÊNCIAS

BAENINGER, R. **Redistribuição espacial da população e urbanização: mudanças e tendências recentes.** In: GONÇALVES, M.F.; BRANDÃO, C.A.; GALVÃO, A.C. (Orgs). **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano regional.** São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 271-288.

BRUMER, Anita. **A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade**. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa **Guaraná de. Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARNEIRO, M.J. **O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais**. In: SILVA, F.C.T.; SANTOS, R.; COSTA, L.F.C. (Org.). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

CASTRO, E. G. de. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2005.

JACINTO, Janério M; MENDES, César M; PEREHOUSKEI, Nestor A. **O Rural e o Urbano: Contribuições Para a Compreensão da Relação do Espaço Rural e do Espaço Urbano**. Revista Percurso - NEMO Maringá, v. 4, n. 2, p. 173- 191, 2012.

MONTE-MÓR, Roberto Luis. **A relação urbano-rural no Brasil contemporâneo. II Seminário Internacional sobre desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul-RS, 28/09 a 01/10 de 2004.

OLIVEIRA, E. G. **O lazer e a melhoria da qualidade de vida dos jovens rurais de São João Evangelista – MG**. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade). Centro Universitário de Caratinga. Caratinga: UNEC, 2006.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. **Juventude rural: suas construções identitárias**. 1. ed. Recife, PE: Editora Universitária UFPE, 2011.

PEGORETTI, Michela Sagrillo; SANCHES, Suely da Penha. **Dicotomia rural x urbano e segregação sócio-espacial: uma análise da acessibilidade ligada à problemática do transporte dos estudantes do campo**. Anais: Encontros Nacionais da ANPUR, [S.l.], v. 11, maio 2013.

WHITACKER, A. M. **Campo e cidade. Cidades médias e pequenas. Algumas proposições para a pesquisa e o debate**. In: LOPES, Diva M. L.; HENRIQUE, W. (Org.). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: CEI, p. 187-194, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.